

O paradoxo existencial da experiência do pecado em Kierkegaard

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

O texto aborda o problema do pecado na filosofia de Kierkegaard enfatizando sua relação com a angústia existencial decorrente do sentimento de culpabilidade, ao mesmo tempo em que a vivência plena do amor divino permite a sua transformação. Desse modo, o pecado apresenta uma relação ambivalente na vida humana, pois ao nascer da violação do interdito divino, ao mesmo tempo é a afirmação plena da dignidade humana expressada em sua imanência.

Palavras-chave: Kierkegaard; Pecado; Amor; Liberdade.

Abstract

The text deals with the problem of sin in Kierkegaard's philosophy emphasizing its relationship with the existential angst resulting from the feeling of guilt, while the full experience of divine love allows her transformation. Thus, the sin has an ambivalent relationship in human life, because at birth of breach of interdict divine, at the same time it is the affirmation of human dignity expressed in his immanence.

Key words: Kierkegaard; Sin; Love; Liberty.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA e do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ.

Introdução

No decorrer deste texto abordaremos a temática do pecado em seu viés filosófico-teológico-psicológico no pensamento de Kierkegaard. O pecado, fruto da liberdade irrefreada do ser humano, gerador do cancro espiritual que exige ser reparado, produtor do sentimento de inquietação moral do indivíduo em sua relação com o divino, talvez seja, paradoxalmente, a expressão por excelência da condição humana em sua vida finita cerceada de percalços e fracassos mediante a participação em uma existência fragmentada, impotente, incapaz de realizar plenamente os anseios humanos.

O pecado, o perdão e a liberdade existencial

O discurso filosófico que se proponha a desmistificar as valorações morais-teológicas das religiões normativas e seus efeitos deletérios sobre a constituição da vida humana cotidiana certamente se encontrará perante o dilema do pecado. Quantas pessoas no decorrer da história cristã não foram subjugadas de corpo e alma por conta deste conceito, castrador de toda autonomia humana? Porém, será possível compreendermos a noção de pecado em um viés afirmativo, desprovido da sua carga moralista? Haveria uma ética do pecado, compreendida como uma prática singular na qual o indivíduo constitui sua existência mediante a legitimação radical dos signos da transgressão aos



Søren Kierkegaard (1813-1855)

interditos religiosos? O ato de se praticar o pecado é uma escolha ética, pois corresponde ao âmbito da deliberação individual daquilo que é conveniente ao juízo subjetivo do agente. Conforme argumenta

Kierkegaard,

A rigor, o pecado não tem seu lugar em nenhuma ciência, ele é objeto daquela pregação em que fala o indivíduo,

como o indivíduo que se dirige ao indivíduo

[...] Ao conceito do pecado corresponde a seriedade. A ciência em que o pecado estaria mais perto de encontrar lugar seria decerto a ética [...] O pecado então só pertence à ética na medida em que é nesse conceito que ela encaixa, mediante o arrependimento. Se a ética acolher o pecado, acabou-se a idealidade dela (KIERKEGAARD, 2010a, p. 18; p.19-20).

Se porventura existe o pecado e seu poder corruptor sobre o gênero humano, a própria existência do pecado em si exige a existência da misericórdia absoluta de Deus. Com efeito, como podemos pressupor a existência de um Deus onipotente que não possa perdoar o mais horrendo dos pecados? Um Deus que não possa perdoar os pecados é a negação do próprio conceito de Deus, pois sendo Deus a expressão plena do amor, e este um sentimento capaz de cobrir todos os pecados, o infinito amor divino é capaz assim de libertar o ser humano da mácula do pecado. Por conseguinte, permanece para todo fiel a esperança de redenção, ainda que todo gênero humano possa vir a se voltar

contra o dito pecador. Lembremo-nos da narrativa evangélica acerca da mulher que unge os pés de Jesus com óleo e enxuga-os com seus cabelos e o Nazareno diz que seus numerosos pecados lhe são perdoados porque ele demonstrou muito amor (Lc, 7, 47).

Podemos ainda afirmar que o pecado, muito mais do que representar o afastamento do homem em relação a Deus pelo uso de seu livre-arbítrio, pela escolha do bem temporal em detrimento do bem imutável, significa a própria chave da salvação, pois quanto mais terrível é o pecado, maior a dignidade da graça. Lembremo-nos da tradição apologética cristã que sustenta a ideia de que Deus odeia o pecado, mas ama o pecador; contudo, se adotarmos um posicionamento holístico perante o mundo, poderemos corroborar a sublime ideia sustentada por Dostoiévski através do discurso do Padre Zossima, sublime personagem de *Os Irmãos Karamazov*: é preciso também amar os pecados e, por conseguinte, tudo aquilo que é fonte do pecado e seus resultados imediatos. Com efeito, como podemos estabelecer sectarismos em nossas valorações existenciais? É imprescindível que afirmemos a vida em sua totalidade, que amemos assim o horror, o feio, em suma, tudo aquilo que chamamos de Mal. Se porventura queremos corrigir o Mal, precisamos primeiramente amá-lo, acolhê-lo em nosso âmago. A transformação da existência jamais pode ocorrer através de uma ação excludente, purista, mas antes integradora em sua máxima intensidade.

O Cristianismo holístico pressupõe a capacidade de o fiel amar plenamente todos os seres sem qualquer distinção. O amor transfigura todas as coisas, e quando amamos nos aproximamos da substância divina. Dessa maneira, não existe nenhuma mácula que não possa

ser eliminada através do poder metanoico do amor divino; postularmos algo em contrário certamente é uma blasfêmia contra a misericórdia divina. Assim se justifica a ideia neotestamentária de que o amor cobre uma multidão de pecados (1 Pd, 4,8). Mesmo o indivíduo que é imputado perante o juízo humano como o réprobo mais abominável também é digno de esperar pelo perdão dos pecados e confiar na sua libertação se porventura haver em sua interioridade o amor divino, que o libera de todo peso da culpa espiritual.

Talvez o único “pecado mortal” seja a incapacidade de amar; a prédica crística do amor incondicional não é direcionada para o abstrato, mas sim para o concreto, para o nosso próximo, nosso interlocutor, o mundo circundante. O perdão aos pecados decorre de um ato de amor inquebrantável. Segundo Kierkegaard,

O amor cobre a multidão dos pecados. Pois ele não os descobre; porém o não descobrir o que no entanto deve estar aí, na medida em que se deixa descobrir, é cobrir [...] Pelo perdão, o amor cobre a multidão dos pecados (KIERKEGAARD, 2005, p. 331)

Cabe ainda ressaltar que os próprios pecados são imprescindíveis na experiência da elevação do homem ao divino: ao mesmo tempo é imputado teologicamente como o afastamento entre as duas instâncias, o pecado é também uma genuína abertura para o despertamento da consciência do vazio existencial que habita a vida daquele que aspira se unificar ao sagrado, de modo que o seu processo rumo ao estado de apoteose apresenta uma trajetória mais extraordinária do que a empregada pelo fiel devoto que permanece estável em sua vida

religiosa, cumprindo fielmente seus deveres morais. Nessas condições, o homem religioso burocratizado ama apenas aquilo que é considerado belo e divino, somente aquilo que é considerado puro e virtuoso; ora, mas este é um pensamento limitado pelo preconceito da mente humana, pois em um viés divino tudo o que existe é belo e digno de amor, pois derivado originalmente pela substância de Deus. Kierkegaard afirma que

Vazio de qualquer orientação espiritual, o filisteu permanece no domínio do provável, no qual o possível encontra sempre um refúgio; deste modo não resta ao filisteu probabilidade alguma de descobrir Deus. Sem imaginação como sempre, ele vive, ao correr do acontecimento, nos limites do provável, no curso habitual das coisas, numa certa soma banal de experiência, e que importa que seja negociante de vinhos ou primeiro-ministro. Assim o filisteu nem tem eu, nem Deus (KIERKEGAARD, 2010b, p. 59).

O filisteu não ama Deus em sua interioridade, mas apenas participa do culto social das aparências, demonstrando publicamente ser um bom fiel, adornando sua vida medíocre com os véus da hipocrisia.

A magnitude de Deus se expressa em seu poder se suprimir da vida do cristão o pecado, pois um Deus que não pode perdoar os pecados, mas apenas punir as faltas cometidas por suas criaturas, não é um Deus em cuja pletora de atributos encontra-se o amor. Como um *Deus* que é considerado expressão do amor incondicional pode punir *ad perpetuum* qualquer um dos seus filhos? Mais ainda, como é possível que *Deus* penalize um ser humano que porventura não tenha realizado de forma plena a virtude moral que dele se esperava?

Quando Jesus proclamava perdoar os “pecados” dos homens, essa atividade representava muito mais um processo de dissolução dos afetos tristes na mentalidade daqueles que solicitavam a sua intervenção, pois que, para a consciência que se sente moralmente culpada, a simples ideia de se viver em estado de pecado é motivo para se originar os mais depressivos impulsos humanos, fator que gera a sensação de distanciamento existencial do indivíduo para com Deus. Perdoar os pecados é um grande ato de amor, pois libera a consciência do indivíduo do medo da punição divina, capacitando o homem a viver desagrilhado dos efeitos degenerativos da culpa. Kierkegaard afirma que

O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo, por sua vez, a angústia [...] A angústia que o pecado traz consigo decerto só ocorre propriamente quando o indivíduo mesmo põe o pecado, mas, em todo caso, está presente de uma maneira obscura como um mais ou menos na história quantitativa do gênero humano (KIERKEGAARD, 2010a, p. 58-59).

O pecado é a violação da lei divina, eterna e universal, pela afirmação da vontade humana, subjetiva e falível; todavia, não seria tal ato de afirmação humana a realização de sua maioria existencial perante toda autoridade castradora? Se quando pecamos somos livres, o pecado não representa nossa maior singularidade? Será que talvez a vivência do pecado não aproxime a condição humana do ser de Deus? Será que os líderes eclesiásticos e teólogos vilipendiaram o pecado para impedir que uma grande massa de devotos religiosos no decorrer das eras fosse impedida da experiência de se sentir

livre como os deuses? Kierkegaard argumenta que

suas ilusões (KIERKEGAARD, 2010a, p. 164).

Pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios. O pecado é deste modo fraqueza ou desafio elevados à suprema potência; é, portanto, condenação do desespero (KIERKEGAARD, 2010b, p.101).

O pecado caminha paralelamente ao puro, e talvez a melhor forma de se purificar a vida humana seja através da prática do pecado. Uma experiência extra-moral exige que se estabeleça uma valoração existencial para além de Bem e de Mal e, para tanto, requer a prática daquilo que é interdito. Uma valoração de tal nível, em verdade, suprime os polos do pecado e da pureza, pois somente existem tais conceitos onde existe uma compreensão moral de mundo que cinde o homem na sua possibilidade de transcender todas as limitações. Para Kierkegaard, “a moralidade é o geral e, assim sendo, também o divino. Consequentemente, existe razão em afirmar que todo o dever é, em sua essência, dever para com Deus” (KIERKEGAARD, 2012, p.75). Isso significa que o homem não deve qualquer satisfação para com a vã opinião pública dos moralistas religiosos, detentores do poder ideológico sobre o discurso teológico, mas que em suas vidas encontram-se afastados da genuína experiência sagrada. Resta assim o estado de inocência, pois toda culpa, desespero e angústia são suprimidos na consciência livre. Segundo Kierkegaard,

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as

A economia da salvação espiritual requer que haja o pecado na vida humana, pois ele representa o percurso do ente que habita o não-ser rumo a sua fusão com o próprio ser de Deus. O pecado é crucial na constituição interior do soldado da fé, pois lhe exige disposições agônicas para triunfar sobre suas próprias limitações morais e assim se elevar ao divino. Não basta a resistência a toda sorte de tentações, mas acima de tudo cabe vivenciá-las.

Não seria talvez o pecado uma criação divina? Se todas as coisas foram criadas por Deus e são intrinsecamente boas, mesmo o que denominamos Mal possuiria algo da substância divina. Na célebre concepção agostiniana apresentada em *O livre-arbítrio*, o Mal é considerado como mera privação do Bem, ou seja, não existe uma substância propriamente má. O Mal moral, o pecado, ocorre pelo descumprimento da lei divina. Mesmo os entes mais corrompidos moralmente permanecem associados ao âmago divino, e nada pode destruir esse elo sagrado. Por conseguinte, mesmo os ditos seres diabólicos são originalmente entes divinos e poderiam retornar ao plano da plenitude do Ser. Afinal, seria um contrassenso em relação ao infinito amor divino postular que as hordas diabólicas não possam ser redimidas das suas faltas e assim reingressar na plenitude do seio divino. A verdadeira blasfêmia consiste justamente na tese teológica tradicional que defende a ideia de que Satã e seus sequazes estão condenados perpetuamente ao estado de perdição. Deus, fonte do amor incondicional, certamente anseia pelo retorno desses entes ao seu núcleo, pois assim sua glória aumentaria ainda mais.

Não cabe ao cristão fazer qualquer juízo de valor sobre a culpa do pecador, pois isto seria a violação da própria prédica evangélica do não julgueis. Todavia, muitos cristãos hipócritas portam em suas bocas o nome de Deus, mas expõem por seus orifícios anais o fogo infernal do ressentimento, julgam, condenam, odeiam todos aqueles que não são como eles. No entanto, justamente pelo fato de constatar nesses seres carentes de uma experiência libertadora do amor o veneno da discórdia disseminado por suas entranhas, cabe ao indivíduo envolvido pela chama sagrada da paz interior consagrada pela vivência crística o ato de amar sempre esses infelizes demasiado distantes da força divina transformadora, não obstante se considerarem piamente escolhidos de Deus. Amando intensamente os hipócritas e os rancorosos ajudaremos possivelmente esses indivíduos a adquirem um sentido especial em suas respectivas vidas.

Considerações finais

Inspirando-se na filosofia de Kierkegaard, podemos elaborar uma compreensão da vida cristã por um viés alheio ao moralismo normativo próprio da tacanha tradição teológica, que faz da experiência cristã um processo de anulação da própria vida em favor de uma ascese extramundana, única possibilidade de redenção para o fiel que aspira ao divino; entretanto, o divino se revela na própria liberdade humana de agir conforme sua busca interior por autorrealização; se porventura nasce o erro dessas ações, ao menos não se pode negar a autenticidade da busca por um caminho existencial trilhado sob os signos da singularidade. Se ao pecar o homem se

afasta da essência de Deus, paradoxalmente dela se aproxima também, pois é o vazio da existência da vida desprovida de Deus que conduz o homem a descobrir a falta de comunhão com o ser divino em sua própria interioridade e assim iniciar sua trajetória rumo ao sagrado. Esse processo necessariamente não se realiza mediado pela instituição eclesiástica, mas ocorre em uma relação imediata do indivíduo para com Deus em sua própria interioridade, daí decorrendo a importância do afastamento perante toda autoridade clerical, fonte de todo entrave burocrático da busca espiritual pelo divino.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. Trad. de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Direção Editorial de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Petrópolis: Vozes, 2010a.
- _____. **O desespero humano (Doença até a morte)**. Trad. de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. Unesp, 2010b.
- _____. **As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. **Temor e Tremor**. Trad. de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Saraiva de Bolso/Nova Fronteira, 2012.

*Recebido em 2013-04-23
Publicado em 2013-05-13*